



Boletim do IAC

Instituto de Apoio à Criança

Nº 17 ♦ JANEIRO/FEVEREIRO ♦ 1992 ♦ BIMESTRAL

NÚCLEO REGIONAL DE COIMBRA DO IAC ENCONTRO SOBRE O BRINCAR

UM BALANÇO PARA PROJECTAR O FUTURO PÁG.2 a 5

ALICE GOMES
A RECORDAÇÃO
QUE FALTAVA

PÁG.6

PROJECTO DA D-G DO
ENSINO BÁSICO

A DIMENSÃO
INTERNACIONAL
DA ESCOLA

PÁG.7

Ao iniciar o seu nono ano de actividade, o IAC surge como uma instituição solidamente implantada na opinião pública, enquanto defensor dos direitos da criança, por mérito das actividades que vem desenvolvendo, especialmente em áreas ainda não cobertas que se transformaram em experiências de carácter inovador.

Um dos grandes desafios do IAC é procurar dar voz aos problemas tabu da criança, através do serviço de escuta telefónica SOS-CRIANÇA, que se impôs pela qualidade do seu atendimento e se transformou num observatório quotidiano do que é ser criança num mundo de contrastes surpreendentes.

Outra grande aposta do IAC realiza-se através de um projecto inovador, laboratório de experiências vividas no quotidiano infeliz da cidade, designado por "Trabalho de rua com crianças em risco ou situação de marginalidade". Este projecto impôs-se dentro e fora do país. Interesse testemunhado pela constante solicitação para participar em reuniões nacionais e internacionais, bem como os apoios que vem recebendo através de programa da Comunidade Europeia (Pobreza III e Horizon).

Porque é meta do IAC considerar a criança na sua globalidade, outro grande desafio que ousou correr é o de defender o direito de brincar, desenvolvendo nesta área uma nova pedagogia, baseada na importância da actividade lúdica para o desenvolvimento infantil.

São ainda múltiplas as actividades em que o IAC se envolve colaborando com outras instituições para ultrapassar situações melindrosas ou corresponder a novas necessidades. Promove formas de cooperação entre tribunais e hospitais para casos de crianças maltratadas e negligenciadas; dinamiza um grupo de trabalho para intervenção mais activa em hospitais pediátricos e serviços de pediatria; apoia acções coordenadas em bairros degradados; mantém contactos com entidades nacionais e estrangeiras, designadamente no âmbito de Organizações não Governamentais (ONG).

E porque dar notícias de todos estes projectos, actividades e iniciativas é quase tão importante como promovê-las, o IAC difunde informação através do presente Boletim, da série Cadernos, dos seus planos e relatórios de actividade, de publicações avulsas, de entrevistas para os órgãos de comunicação social, de participação e/ou promoção de seminários, encontros, acções de formação, da produção de material audiovisual. Esta informação e outra está disponível para o público interessado no seu Centro de Documentação.

Resta acrescentar que tudo isto não é possível sem muito amor pela criança, muita fé no próximo e porque, tal como o poeta inglês Wordsworth, se acredita que "a criança é o pai do homem" e que, trabalhando com ela e para ela, se criará um mundo melhor. A todos os que ajudam o IAC a ser e a crescer, um grato bem-haja!

EDITO
RIAL

UM GRANDE ESPAÇO LÚDICO

NO Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, o IAC organizou o Encontro Brincar como e Porque. Foi nos dias 23, 24 e 25 de Janeiro, sendo a Comissão Coordenadora constituída por Celeste Garção Nunes, Celeste Porto, Leonor Santos, Natália Pais, Pilar Ribeiro e Torrado da Silva.

Na sessão de abertura, houve oportunidade para historiar o percurso que levou à criação do núcleo do IAC em Coimbra, cidade onde os "problemas relacionados com a criança reflectem o que se passa a nível nacional", salientou Pilar Ri-

beiro, para concluir a seguir que "Coimbra é sem dúvida um universo urbano rural com características globalizantes das realidades rurais e citadinas. Este facto dificulta o dia a dia de muitas das nossas crianças e jovens".

Subordinado a duas grandes áreas, uma teórica ("O sujeito, o objecto e os objectivos do jogo" e "A actividade lúdica e a saúde infantil") e outra prática ("Espaços para brincar: modelos e funções"), o encontro re-

gistou uma riqueza de intervenções que, do nível pragmático ao experimental, valeu, sobretudo, pela troca de informações e experiências.

Coube a Arquimedes Santos, pedopsiquiatra, a primeira intervenção, "A psicologia do jogo e o simbolismo", em que começou por abordar a temática sobre o que é o jogo, bem como o seu valor psicológico, enveredando depois por algumas teorias e classificações. Deixando a pergunta sobre se haverá evolução lúdica nas

crianças, explanou algumas ideias sobre a actividade lúdica como matriz da actividade expressiva-artística, para finalizar com a abordagem da questão da ludoterapia.

Ana Jorge, do Hospital Garcia de Orta, de Almada, falou de "O jogo e o desenvolvimento", alertando logo para o facto de a criança ter direito a ser tratada como indivíduo e estimulada a desenvolver-se no seu espaço, com afecto e segurança na sua própria família e aceite pelos seus pares. Citou Froebel, segundo o qual os primeiros sete anos de vida são os mais importantes no desenvolvimento futuro e em que a criança aprende jogando, para concluir que as diferentes componentes, motora, mental e afectiva do desenvolvimento se interligam nos diversos jogos, que por sua

"EU FUI UM GAROTO DE ALDEIA E PARA UM GAROTO DE ALDEIA O BRINCAR ERA UMA COISA NATURAL. ERA UMA COISA DA COMUNIDADE. EU DIRIA QUE TALVEZ EM TORNO DE CADA MIL PESSOAS EM CADA CIDADE DEVERIA HAVER UM CENTRO DE CONVÍVIO COMUNITÁRIO, NO QUAL A LUDOTECA SE INSERIRIA.

ERA BOM QUE O NÚCLEO DE COIMBRA FIZESSE PASSAR ÀS ENTIDADES DAQUI, DA NOSSA CIDADE, A NECESSIDADE DE MUDAR OS ARRANJOS URBANÍSTICOS E CRIAR ESPAÇOS ONDE TODA A GENTE SE PUDESSE ENCONTRAR, SEM SER NECESSÁRIO ENSINAR A CRIANÇA A BRINCAR, PORQUE EU JULGO QUE A CRIANÇA SABE BRINCAR NATURALMENTE."

A simplicidade destas palavras, do prof. Dr. Sá Turtado, membro do núcleo de Coimbra do IAC, proferidas na sessão de encerramento do encontro "Brincar como e Porque...", poderiam juntar-se, com maior ou menor complexidade e subjectividade, às intervenções que enriqueceram este encontro. E de cada uma delas, pusem embora as grandes carências, ressalta a esperança de que o tema, o brincar, está presente em todos os que têm responsabilidades na educação — e começam a sentir-se resultados positivos.

Este encontro, o primeiro que reuniu profissionais de diferentes áreas, permitiu dar ao brincar uma outra dimensão, mais lata, porque mais abrangente: a intervenção do brincar passa pela educação, como passa pela saúde e pela segurança social.

vez são um motor no prosseguimento do desenvolvimento.

Representante do Departamento de Antropologia do Iago do Instituto Politécnico da Guarda, Cameira Serra abordou o tema "Jogo e contexto cultural", começando por realçar que o fenómeno lúdico continua a ser conhecido apenas parcialmente, o que em sua opinião se deve à natureza polissémica do vocábulo, mas também às diferenças, mais ou menos subtis, que a prática lúdica apresenta, consoante a idade e sexo dos intervenientes e o contexto sociocultural onde ocorre, para o que partiu de uma metodologia de investigação sobre as práticas lúdicas da infância, baseada na observação das actividades e espaços de jogo e em entrevistas às crianças e professores. A utilização de uma ficha-guião apropriada permitiria a clarificação das associações



BOLETIM DO IAC
N.º 17
JANEIRO/FEVEREIRO
1992
director
Márcia Rosa Araújo
coordenação
Grupo Técnico
das Publicações do IAC
António Torrado
Clara Castilho
Leonor Santos
edição
Instituto de Apoio à Criança
Av. de Berna, 56, 3.º
1000 Lisboa
concepção gráfica
e produção
Joana Imaginário
pré-impressão
VI-fotocomposição, Lda.
composição e impressão
Minerva do Comércio
Depósito Legal
N.º 444/5/91
tiragem
3000 ex.
Assinatura anual
1250\$00

existentes entre o jogo da criança e os espaços, o tempo, os objectos, a economia, a motricidade e os valores culturais.

O SIGNIFICADO EXPRESSIVO

“Brincar, como e porque... significado expressivo”, foi assim que Natália Pais, do IAC, chamou à sua intervenção, que partiu da premissa de que o jogo, a arte e a cultura são manifestações naturais do homem. A animação lúdica, prosseguiu, como uma nova função educativa e social, deve estar muito consciente de certos problemas e assegurar, em relação a todas as crianças e a todos os grupos, o direito que têm ao jogo, e deve por isso estar atenta aos valores éticos, aos sistemas de comunicação, aos modelos que defende, favorece, critica e condena.

Portanto, diria ainda Natália Pais, todos os que estão empenhados, através da animação lúdica, na criação de ludotecas, de espaços lúdico-expressivos, têm realmente de estar muito atentos a uma filosofia de fundo, que não deixe passar em claro aspectos fundamentais relativamente aos valores que estão por detrás do seu modelo de intervenção, do tipo de material que escolhem, das pessoas com quem trabalham, da maneira até como oferecem e abrem esse espaço à utilização das crianças e dos adultos. E concluiria: brincar, jogar, são actos que se incluem no âmbito da ludicidade, pois o conceito de lúdico é por natureza um conceito abrangente.

AS CIDADES EDUCADORAS

Congresso significativo do rápido crescimento e interesse que todo o país sente pelo jogo e pelas ludotecas, assim referiu Maria de Borja Solé, catedrática do Departamento de Didáctica e Organização Escolar da Universidade de Barcelona, no início da sua intervenção sobre “A ludoteca como espaço de jogo e integração na comunidade”.

Como atingir os objectivos resultantes da inter-relação ludoteca-comunidade constituiu o desenvolvimento do tema, que a pedagoga esquematizou em dois pares de conceitos: educação-saúde e acomodação-emancipação. Educação e saúde são conceitos que é indispensável relacionar para entender o crescimento e o desenvolvimento das ludotecas; acomodação e emancipação dão a dimensão desta inter-relação.

Não basta a escola como única instituição que educa, salientaria Maria de Borja Solé, é preciso que haja cidades educadoras, porque a educação não se circunscreve à escola. À educação da escola, formal, tem de se juntar a educação informal — a que irradia da família, dos meios da comunicação, da cidade — e a esta educação não formal — a que tem um desenvolvimento progressivo e onde se reconhecem todas as instituições de tempos livres e as ludotecas. Na cidade, reiterou ainda, tem de haver um ambiente de educação.

Também o conceito saúde mereceu desenvolvimento: mais que curar enfermidades, é preciso entrar na medicina preventiva, na forma de educação para salvaguardar o tesouro da saúde, para não a perder mas aumentá-la.

A relação de tudo isto com as ludotecas é profunda e automática, salientou Borja Solé. O jogo, a razão de ser das ludotecas, é uma actividade formativa, que transmite cultura e desenvolve as capacidades. O jogo é diversão, alegria, comunicação e relação — e como tal tem uma relação directa com a saúde, física e psíquica, do corpo e da mente e do colectivo. As ludotecas são necessárias na actual sociedade, na medida em que incidam, através do desenvolvimento do jogo os dois conceitos básicos, para a melhor qualidade de vida, nas suas vertentes principais, a educação e a saúde.

A AVENTURA CORPORAL

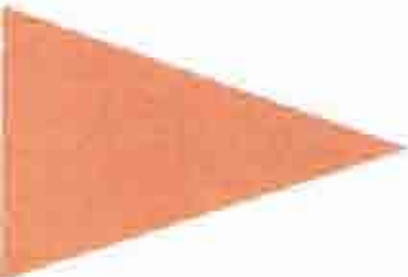
Uma questão complexa, para Carlos Neto, da Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa,

é a forma como os adultos ocupam o tempo das crianças. Na sua intervenção, “Espaços lúdicos ao ar livre”, salientaria ainda a forma pouco convicta como pais, educadores ou outros agentes não dão importância à aventura corporal.

Quanto ao problema da gestão e economia das energias, Carlos Neto afirmaria que é necessário que se entenda que educar, no sentido dos pais, do professor ou de outro agente é dar autonomia. A criança, o que procura através de formas não formais de brincar é exactamente uma tentativa de se distanciar do aconchego e da segurança. O que ela procura é a insegurança. É nesse sentido que evolui e caminha. E portanto as práticas lúdicas são sempre por excelência formas de formação de insegurança. E essas formas de criação de insegurança é que permitem a elaboração de esquemas e de mecanismos internos que renovam novos sentidos, novos projectos, novas ideias.

“Nós falamos muito na criança e eu penso que nós já conhecemos bem a criança”, salientaria o professor, para acrescentar que quando falamos na actividade lúdica, temos de começar a falar não da criança, mas dos adultos e de todos os intervenientes que com ela convivem. E concluiria acentuando a necessidade de combater aquilo que poderá ser eventualmente uma moda do futuro, que é a tentação de planejar e dirigir o brincar. Isso seria a contradição total em relação aos pontos de vista que defendemos. E neste sentido o que entende por brincar é mais dar os instrumentos e formular os contextos para que a criança possa então exercer essa actividade lúdica.

Uma das vertentes deste encontro foi a apresentação de alguns trabalhos de investigação relacionados com a actividade



lúdica. Nesse sentido, foi desenvolvido o tema “Brinquedos de construção e comportamento lúdico”, por Leonor Santos, do IAC. Trata-se da vertente portuguesa de um estudo comparativo, feito em cinco países (Portugal, Espanha, Itália, França e Alemanha), para obter elementos sobre o valor lúdico e pedagógico e a qualidade dos brinquedos destinados a crianças dos 3 aos 16 anos e que foi encomendado ao IAC pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor.

O envolvimento, nas suas múltiplas vertentes, tem sido considerado um aspecto determinante no desenvolvimento da criança, referiu Maria Teresa Brandão, da Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa, ao abordar o tema “Jogo e estimulação precoce”. Começando por salientar que só recentemente mereceram abordagem específica e objectiva os efeitos diferenciais das dimensões físicas do envolvimento, independentemente das dimensões sociais — e por isso são escassas as pesquisas experimentais quer para as populações normais quer para as populações com necessidades educativas especiais —, adiantou a constatação resultante do valor que empiricamente é atribuído a algumas dimensões do envolvimento físico — brinquedos e materiais lúdicos — por profissionais de educação que intervêm quer no ensino regular quer na educação especial.

Pesquisas em crianças com deficiência mental, recordou, apontam no sentido de um menor envolvimento destas em actividades lúdicas quando comparadas com crianças normais, constituindo, de resto, a intervenção um trabalho que teve por objectivo estudar os efeitos de diferentes tipos de brinquedos no comportamento exploratório e de jogo em crianças normais e com síndrome de Down.

Em resultado deste trabalho, concluiu, poderão ser retiradas ilações no sentido de facilitar a estruturação de contextos de desenvolvimen-

to/aprendizagem, no âmbito da educação regular, como no da educação especial, especificamente na área da estimulação precoce de crianças com deficiência mental.

A ACTIVIDADE LÚDICA E A SAÚDE INFANTIL

“Quando se abrem as portas e janelas dos centros de saúde criam-se correntes de ar”, é uma constatação de Cardoso Ferreira, do Projecto Aprender em Festa (Centro de Saúde de Gouveia), a cargo de quem esteve, neste encontro, o tema “Intervenção numa comunidade rural”.

A troca de experiências, a mistura de outros sectores, a tentativa de dar resposta no processo de desenvolvimento e bem-estar das crianças e da comunidade, relacionam-se com o facto de as portas dos centros de saúde se terem aberto. Para os criadores do Projecto Aprender em Festa tudo nasceu com intenções pedagógicas e o próprio projecto tem intenções lúdico-pedagógicas. Cardoso Ferreira considera, por outro lado, que, pela sua parte, o início foram acções de educação para a saúde.

“Perguntamo-nos, hoje, até que ponto temos sido dirigistas, temos sido impositivos, nas estratégias que temos usado. E não são com as crianças, mas com toda a comunidade. Até que ponto nos temos assumido às vezes como donos de verdades e não em diálogo à procura de construir algo. E isto tem muito a ver com as novas perspectivas de educação, de saúde, de bem-estar, de desenvolvimento que aqui foram levantadas. Talvez estejamos agora em condições de dar o salto. Do lúdico-pedagógico para o lúdico como motor de desenvolvimento. Da directividade para a animação, do dirigir para acompanhar”, afirmou o médico. E acrescentou um exemplo: “Uma ideia que nasceu no nosso grupo há semanas, em torno da criação de uma ludoteca cigana, com uma roulotte e uma tenda, num

espaço aberto. Talvez tivesse surgido entre nós de uma maneira muito dirigista. Temos de repensá-la e ser de facto um espaço aberto, motor de desenvolvimento, com as crianças que queiram participar nisso.”

“Nós”, garantiu, “no fim de contas, se algum mérito temos é o de aproveitarmos o balanço.”

Conceição Riachos, do Hospital Pediátrico de Coimbra, em mesa-redonda sobre a saúde infantil e a actividade lúdica, viria a falar da necessidade de proporcionar à criança doente um ambiente acolhedor, transformando o hospital num lugar acolhedor, onde a criança se sinta bem e com o qual se possa identificar.

Importantes espaços de ocupação lúdico-recreativa, as salas de internamento podem ser lugares abertos à interacção, das crianças, dos pais, dos amigos. As crianças internadas podem ter actividade lúdica, apesar das limitações que a doença lhes traz.

Com um bom acolhimento feito à criança e à família, com a presença da mãe ou substituto, um diálogo contínuo, algumas modificações no espaço e um bom trabalho de equipa, conclui Conceição Riachos, é possível melhorar a imagem que a criança e os pais levam do hospital, onde há tempo de conviver, experimentar, reflectir. O hospital também pode ser um tempo para se recordar de forma agradável.

ESPAÇOS PARA BRINCAR

A iniciar o ciclo de intervenções dedicadas às experiências, Pedro Ferreira, da Faculdade de Motricidade Humana, referir-se-ia à situação actual das ludotecas em Portugal, a partir de um estudo desenvolvido com o objectivo de elaborar um perfil descritivo das ludotecas, por forma a poderem ser detectadas as lacunas em termos organizativos, materiais e humanos, contribuindo para a sua resolução num futuro próximo. Informar sobre a metodologia no estudo, explicitou pormenores técnicos que permitiram chegar às conclusões, da identificação, localização e instalação da ludoteca, ao tempo de duração previsto para a sua existência, passando pela determinação dos tipos de jogos mais procurados numa ludoteca.

Helena Carqueijeiro faria na sua intervenção uma descrição do espaço físico da ludoteca, começando com uma definição bem simples: a ludoteca é um espaço para brincar.

Referindo-se aos aspectos de organização em geral, falou da importância da análise da forma como o espaço de jogo é constituído e pode ser dinamizado, através de áreas de brincar diferenciadas, para concluir que é importante ter consciência do espaço que o jogo sugere, não só pela maneira como se organiza como pela utilização dos elementos capazes de transmitir o ambiente lúdico.

Do Pólo de Chaves, Américo Nunes, da UTAD, veio falar de um projecto educativo, que está em curso e que consiste na investigação/acção na ludoteca: aposta na reanimação da cultura, encontro, relação, convivência, comunicação. Tendo como referente a pessoa em construção na sua mesmidade e alteridade, o projecto propõe-se recolher, analisar, produzir e publicar o que é e aquilo de que gosta.

“Quem me dera ter um pião, ou uma corda, ou um botão! Jogaria com eles. Faria amigos, que se encontrariam para fabricar outros encantos. Juntos, crianças, pais e professores, partilharemos o que conhecemos e o que mais gostamos” — eis a base prático-lúdica de um projecto que tem a sua razão de ser a partir da conclusão de que o saber sobre o homem, a vida e o universo persiste em sobrevalorizar a ciência e a tecnologia, esquecendo-se a dimensão intersubjectiva e lúdica da vida.

AS COMUNIDADES RURAIS

O Organismo Utilitário e Social de Apoio Mútuo (OUSAM) é o exemplo de uma ludoteca em comunidade rural, que tem em fase de implementação uma extensão itinerante.

A partir de um percurso pela situação da criança em pequenas comunidades rurais do concelho de Paredes de Coura e do seu acesso a materiais pobres ou naturais, inegável fonte de estímulos, a OUSAM considera importante que as crianças tenham oportunidade de experimentar materiais lúdicos diversificados e de vivenciar novos contextos educativos desencadeadores de novas motivações e aprendizagens.

O processo de implementação de ludotecas em escolas primárias do concelho de Oeiras faz parte do Projecto Ludus, da Câmara Municipal de Oeiras, cujas bases foram reveladas no congresso.

Constituído por quatro pontos (bases protocolares Câmara/escola; princípios básicos para a intervenção; funcionamento e estratégias específicas; indicadores da evolução do projecto), o projecto terá em conta o futuro das ludotecas dentro das perspectivas do município.

A Associação Cultural e de Educação Popular de Meadela é uma instituição não governamental sediada em Viana do Castelo e quer garantir às crianças da zona o direito a brincar.

Porque “brincar é viver”, o seu sector de animação para a infância vem desenvolvendo há 19 anos um trabalho com crianças dos 3 aos 14 anos, para o que conta com uma ludoteca/biblioteca fixa e outra itinerante e ainda uma outra de requisição.

Hoje, neste congresso, está em condições de informar que consciencializou a comunidade para a importância do brincar e da adequação do brinquedo.

A Ludoteca da Junta de Freguesia dos Prazeres é uma ludoteca de bairro e é, ao mesmo tempo, um projecto de intervenção comunitária.

Recebendo diariamente crianças fora do seu tempo lectivo e outras acompanhadas pelos professores, a ludoteca, cuja actividade foi iniciada em 1990, procura proporcionar à criança um espaço acolhedor, rico em materiais, que lhe possibilite brincadeiras divertidas, interessantes e que contribuam para o seu enriquecimento cultural e social.

“Brincar na escola” foi o tema. Da divulgação da experiência encarregou-se Leonor Barão, directora do estabelecimento de ensino em que é feita, a Escola Marquesa de Alorna, em Lisboa, onde fazer nascer e crescer uma ludoteca numa escola do 2º e 3º ciclos acontece porque se acredita que: jogar, brincar é ocupar tempo livre aprendendo; a escola deve contribuir para desenvolver o sentido crítico de jovens e encarregados de educação relativamente à escolha de brinquedos e jogos e proporcionar ofertas de actividades de complemento curricular diversificadas que integrem interesses comuns à maior parte dos alunos.

Mas, fazer nascer uma ludoteca na escola tem obstáculos (falta de espaços, de recursos humanos e financeiros) e é um desafio com altos e baixos, que depende da existência de uma equipa com um projecto de organização e dinamização, da inclusão na equipa de elementos jovens não docentes, da integração do plano de desenvolvimento da ludoteca no projecto educativo da escola, do financiamento regular e do contacto com outras ludotecas.

Há um futuro para a ludoteca da Escola Marquesa de Alorna

UMA CONCLUSÃO ENTRE TANTAS...

Será legítimo perguntar se, a partir de agora, o brincar só acontece nas ludotecas? Não.

O modo e a defesa do brincar resultantes deste encontro não anulam nem substituem, nem se sobrepõem, a todos os outros modos de brincar a que a criança tem direito — os seus brinquedos, o brincar no seu quarto, com os seus irmãos, com os seus pais, na rua, com os seus amigos, com os vizinhos.

Tratámos de avançar com uma maneira de intervenção socioeducativa necessária, urgente, útil, mas que não anula as outras formas de brincar. E para isso há a necessidade de constituir um grupo de reflexão sobre o ponto em que estamos, o futuro, e quais as perspectivas em relação às ludotecas que já estão a funcionar e as que estão em projecto e as que poderão continuar a aparecer. Vamos reflectir um pouco sobre isto. ■

ALICE GOMES

UMA PESSOA DE BOA VONTADE

MADALENA GOMES

ELA de Queiroz dizia que "todos os dias em Paris fazem de uma morte recente uma velha notícia". Quanto tempo em Portugal é preciso para que isso aconteça?... Certo que ainda menos, momento se se trata dos chamados "valores culturais".

O esquecimento, voluntário ou não, começa já a porta do cemitério, quando os raros amigos que acompanharam o caixão se dispersam. Diz-me-aó, que estou a ser pesimista. Então como explicar o óbvio a que tem sido votada a memória de Alice Gomes?

Por mim, que convivi com ela, que assisti ao aparecimento da sua obra, quase ao seu germinar, esse óbvio parece-me injusto. Quantas vezes subi as escadas da sua bela casa da Pinheiro Chagas! E aí, rodeada de livros, de papéis, de recordações, que me é mais fácil lembrar-lá. A casa, mobiliada com gosto e com amor, era fria, apesar do calorífero sempre aceso. Ressentia-se da solidão em que vivia a Alice — ferida que lhe ficara do seu casamento desteto com o poeta Adolfo Casais Monteiro. O único filho vivia no Brasil e o neto, o Cláudio, crescia longe dela. No escritório e um pouco por toda a casa, havia fotografias desse menino muito querido, mas que a avó via raramente.

Tudo, mesmo essas ausências dolorosas, parecia poder superar aquela Mulher frágil, sempre arazoada por uma ideia ou um projecto, sempre "em pé de guerra" com alguém ou alguma coisa. Áspera, às vezes, no convívio com as pessoas, rebelde por outras, mas também capaz de generosidade e de ternura, sobretudo para as crianças.

Escritora, pedagoga, conferencista, dramaturga, Alice Gomes foi, antes de mais, uma mulher de acção. Do seu pensamento ao acto apenas mediava um passo. Plano que idealizasse, sonho que concebesse, tinham de ser postos em execução. A própria escrita, mais do que uma necessidade literária, era na sua mão um instrumento, embora se servisse da palavra com



elegância, nos seus livros raro podíamos separar a escritora da pedagoga.

Escreveu muitos livros didácticos: *Aprender Sorrindo*, *Le II*, e *Domínio Encantado*, que pouco mais é, afinal, do que uma lição de história e de geografia. E mesmo nos seus livros de entretenimento, *Histórias da Coca-Bichinhos*, *Vidrinho de Chelita*, *Criatos Resorhos* e *Circo-Cibolla*, a professora está presente. O seu último livro, *Alexandre e os Lobos*, anunciava, porém, uma viagem. É talvez o mais "literário" dos seus livros e torna mais funda a pena de que a autora não tivesse vivido entre nós mais uns anos.

O teatro também a atraiu e teve o gosto de ver representar algumas das suas peças, as mais importantes das quais são *Nau Calrineta* e *A Leada das Amendoieiras*.

Alice Gomes escreveu igualmente para adultos — *Fogueta de Teatru Verde* é disso exemplo — e dedicou muito do seu tempo à tradução. A ela se deve uma das melhores, se não a melhor, tradução de *O Príncipezinho*, de

Saint-Exupéry, entre nós.

Como ponto fulcral da sua actividade conta-se o ter sido a fundadora da Associação Portuguesa de Educação pela Arte. Esta associação, congénere de outras que há no estrangeiro, destina-se a divulgar a arte entre as crianças e os jovens. Através de exposições, concertos, espectáculos de teatro e de bailado, a criança e o jovem tomam consciência do fenómeno artístico, preparando assim o terreno que terá deles mais tarde adultos que sabem ver e escutar, entender a mensagem da poesia, do bailado, do teatro.

Mas a superabundância de energia e vitalidade que existia nessa pequena grande mulher levava-a a tomar parte em congressos, dentro e fora do país, fazer palestras, organizar exposições e colóquios. Professora primária por opção, toda a sua vida girou à volta do mesmo ideal: a educação da criança, os seus problemas.

Que mais dizer sobre Alice Gomes? Que é digna de servir de exemplo às gerações vindouras — foi uma pessoa de Boa Vontade. ■

A ESCOLA NA DIMENSÃO INTERCULTURAL

A Divisão de Orientação Educativa da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, no âmbito das competências que lhe estão cometidas, está a desenvolver um projecto de investigação-acção, denominado "A Escola na Dimensão Intercultural" (PEDI), cujo segundo ano de actividade (ano lectivo de 91/92) se iniciou em Setembro último.

Abrange 68 professores de 32 escolas do 1º ciclo do ensino básico situadas em zonas degradadas do distrito de Lisboa, servindo um número significativo de crianças (cerca de 1300) oriundas das minorias étnico-culturais, nomeadamente ciganos ou de países africanos de língua oficial portuguesa, maioritariamente cabo-verdianos.

O projecto parte de alguns pressupostos, dos quais salientamos:

— As crianças oriundas de minorias étnicas obtêm, na generalidade dos casos, resultados escolares que as distanciam da média e são mais vulneráveis ao insucesso escolar.

— A investigação desenvolvida em âmbito educacional tem vindo a reforçar a ideia de que os resultados verificados devem ser imputados a estratégias de escolarização inadequadas à lógica dos próprios objectivos educacionais.

— Pretende-se com este projecto reconhecer a multiculturalidade como uma característica positiva dos

alunos, turmas e escolas, e dimensionar a presença dos vários contextos culturais como um meio de enriquecimento para todos.

Os objectivos delineados vão no sentido de: contrariar o etnocentrismo da cultura escolar e legitimar a presença de outras culturas na escola; ensaiar estratégias de ensino-aprendizagem que permitam a continuidade cultural entre a escola e a família; desenvolver nos alunos competências de comunicação oral e escrita; banir os preconceitos e desenvolver estratégias de discriminação positiva; criar condições psicopedagógicas que permitam a igualdade de oportunidades de ensino e sucesso escolar; ensaiar e sistematizar estratégias de intervenção que possam ser generalizadas após a avaliação do projecto.

A concepção e desenvolvimento do projecto assenta numa metodologia cujas características são as seguintes: a formação/intervenção baseia-se no modelo de autoformação apoiada; a difusão das estratégias dos saberes e dos instrumentos processa-se em rede; os materiais a utilizar são-no em função das situações e das necessidades avaliadas no quotidiano escolar; a intervenção privilegia o professor como agente educativo; as estratégias implementadas ou a implementar são reguladas através da avaliação contínua.

Os dados apurados na avaliação do 1º ano de trabalho no PEDI, que se desenvolve nas condições reais de exercício pedagógico das nossas escolas, mostram que é possível haver mudança. Os resultados já visíveis justificam a sua continuação e desenvolvimento.

Dados os resultados encontrados, a irreversibilidade do processo em curso é reclamada por todos os agentes nele intervenientes, exigindo-se que o projecto se mantenha tão inovador e diferenciador quanto as necessidades avaliadas o exigiam.

Os indicadores optimistas que nos levam a fazer tal afirmação baseiam-se no facto de os professores terem experimentado novas formas de estar na escola, encarando-a como um lugar de sucesso, envolvendo-se nos problemas da comunidade escolar onde a educação acaba por tornar-se um instrumento eficaz na diminuição da desigualdade social.

Assim, este projecto é consonante, na sua essência, com os principais vectores de força inscritos na Lei de Bases do Sistema Educativo, legitimando os seus princípios na Reforma Educativa em curso, contribuindo, assim, com a sua acção para uma efectiva igualdade de oportunidades, criando condições de acesso e sucesso escolar para todos os alunos. ■

PROJECTO DE RUA

AINDA O NATAL, SEMPRE O NATAL

RAQUEL COELHO*

NATAL!!!
O nosso Natal não foi um dia diferente, porque amamos todos os dias.

Visitamos todas as crianças abrangidas pelo Projecto. Quisemos estar com elas, levar uma mensagem de carinho e confiança, visitar as famílias, entregar uma prenda como sinal de paz e amor.

Vivemos um Natal diferente. Porque a nossa maneira de estar na vida é diferente. Porque nós acreditamos "naquelas crianças" que a sociedade considera diferentes. São diferentes porque resistem às injustiças e combatem as diferenças.

Na casa de alguns comemos

uma tala de bolo-rei, de outros uma lillós ou um sante.

Também o Natal da nossa Residência foi diferente. Uma coia em conjunto com as famílias das crianças que estão lá e um espaço de férias na Gafanha da Nazaré.

Boas notas na escola, prendas, alegria e o compromisso de umas férias com muito juízo...

Os grupos da Baixa também prepararam o Natal alguns dias antes: um torneio de futebol de salão (ganho pelo grupo 3); vários espaços de férias (Costa de Caparica, Gafanha, etc.); idas ao circo e ao Jardim Zoológico.

Por isso, quando o Natal chegou

nós estávamos preparados para o receber. Porque já tinhamos estado muito tempo em grupo, convivido em ambientes bons para o espírito.

Nós sabemos o que é o Natal, mas eles, os miúdos, que vivem na rua, não esperam pelo Pai Natal, porque o Pai Natal deles é a confiança que têm no futuro. É neste Pai Natal que eles acreditam!

Eles, os miúdos do IAC, querem ser iguais a qualquer criança.

Querem amar, crescer, sorrir, viver!

Foi este o Natal que, em conjunto, vivemos com eles. ■

NOTÍCIAS

IAC PRESENTE

• Na Rádio Baiã, no dia 15 de Janeiro, Manuela Eanes falou sobre as actividades do IAC.

• No programa Ponto por Ponto, do Canal 1, a propósito do congresso "A Criança no Mundo de Língua Portuguesa", Manuela Eanes falou da situação da criança em Portugal.

• No congresso "A Criança no Mundo de Língua Portuguesa", realizado de 11 a 15 de Fevereiro, numa organização da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, na Universidade Católica, estiveram presentes Manuela Eanes (na mesa-redonda "Apoio à Criança") e Adelina Odete, que apresentaram comunicações.

• No Forum de Psicologia Clínica, nos dias 22, 23 e 24 de Janeiro, na Fundação Gulbenkian, organizado pela Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica, tendo estado em representação do IAC Ana Cristina Ferrão.

ENCONTRO DA APECS NO PORTO

Na Faculdade de Economia do Porto, vai realizar-se, nos dias 9, 10 e 11 de Março, o IV Encontro Nacional da APECS (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Social), subordinado ao tema "Expressão Visual/Educação Artística".

SERVIÇO SOCIAL

O Instituto Superior de Serviço Social, em Lisboa, vai organizar, nos dias 9 e 10 de Março, as jornadas "Práticas do Serviço Social: Desafios Actuais".

LITERATURA INFANTIL

Na Casa das Artes, no Porto, a Livraria Civilização organiza, nos dias 12 e 13 de Março, um colóquio sob o tema "A Literatura Infanto-Juvenil".

SOBREDOTAÇÃO EM ALMADA

"Da rejeição social à frustração pessoal" foi o tema geral da III Conferência Internacional sobre Sobredotação, que decorreu nos dias 14 e 15 de Fevereiro, no Auditório da Câmara Municipal de Almada. A organização foi da responsabilidade do Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança.

NOVO LANÇAMENTO DO IAC

O JOGO INFANTIL (ORGANIZAÇÃO DAS LUDOTECAS)



Integrado no primeiro dia do encontro "Brincar como e porque...", em Coimbra, foi feito o lançamento de mais uma edição do IAC, *O Jogo Infantil (Organização das Ludotecas)*, com a presença da autora, Maria de Borja Solé, que também fez uma intervenção — "A ludoteca como espaço do jogo e integração na comunidade" [ver notícia nas páginas 2 a 5].

A apresentação da autora coube a Natália Pais, que traçou um perfil desta catedrática da Universidade de Barcelona, onde, no Departamento de Didáctica e Organização Escolar, tem contribuído activamente para dar a conhecer a importância das ludotecas como espaços de cultura e educação.

Maria de Borja Solé orientou mais de 60 cursos monográficos sobre organização de ludotecas nas principais universidades e centros de formação de educadores em Espanha, México e Portugal.

O Jogo Infantil é o primeiro de sete livros da autora, que o IAC publica em língua portuguesa, dirigido a pais, educadores, professores, estudantes universitários e outros profissionais de educação.

A obra, distribuída pela Sodilivros, está à venda (pelo preço de capa de 1000\$) em todas as livrarias do país, podendo também ser adquirida (directamente ou pelo correio) na sede do IAC.

Nasceu uma ludoteca em Tondela. Foi há um ano e uma das suas iniciativas é *O Meu Livro de Ludoteca*, onde se ensinam jogos, movimentos e aventuras. 10 Réis de Gente é o seu nome. A ela voltaremos.

